

# A Língua Portuguesa em Dia

Francine Baranoski Pereira  
(Organizadora)



 **Atena**  
Editora

Ano 2018

**Francine Baranoski Pereira**

(Organizadora)

# **A Língua Portuguesa em Dia**

Atena Editora

2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Natália Sandrini

**Revisão:** Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

L755 A língua portuguesa em dia [recurso eletrônico] / Organizadora Francine Baranoski Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-89-5

DOI 10.22533/at.ed.895182211

1. Língua portuguesa. I. Gaviolli, Gabriel. II. Título. III. Série.

CDD 469.04

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A obra intitulada: "A Língua Portuguesa em Dia" traz uma riqueza de estudos nas grandes áreas: Gramática, Língua e Literatura, áreas que possuem identidades próprias, que se complementam e propiciam a reflexão e compreensão dos fenômenos da linguagem em suas diversas manifestações.

Os artigos desta edição, fazem um convite ao leitor/professor/estudante da área e/ ou demais interessados a compreender o discurso literário de diversos autores brasileiros e estrangeiros, dentre eles: Clarice Lispector, Ana Miranda, Eulálio Motta, Carson McCullers, Luandino Vieira, José Lins do Rego, Suleiman Cassamo, Paulina Chiziane sob múltiplos enfoques. Mostram estudos que ressaltam a importância do uso da gramática, do dicionário, do ensino de diversos gêneros textuais em sala de aula. Apresentam análises e eventos discursivos, variedades linguísticas, contribuições para o ensino de língua estrangeira, uso da tecnologia no ensino do Português e ensino de Libras em um relato de experiência. Todos os capítulos contêm embasamento teórico seguido de explicações, indagações e reflexões ou relatos, provocando no leitor a construção de suas compreensões e interpretações e por fim, do seu próprio conhecimento dos estudos apresentados.

Deste modo, a leitura desta obra propiciará inúmeras contribuições para leitores, professores, estudantes e pesquisadores em suas leituras, práticas e pesquisas neste âmbito plural, pois traz o conhecimento científico em distintas áreas que perpassam Língua e Literatura.

Francine Baranoski Pereira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A AMBIVALÊNCIA ENTRE A TEMPORALIDADE NARRATIVA FICCIONAL E A TEMPORALIDADE HISTÓRICA NA OBRA <i>BOCA DO INFERNO</i> DE ANA MIRANDA	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822111</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>11</b>
A NORMALIZAÇÃO NA TRADUÇÃO DO VOCÁBULO “MORTE/DEATH” EM DUAS OBRAS DE CLARICE LISPECTOR TRADUZIDAS PARA A LÍNGUA INGLESA: UM ESTUDO BASEADO EM CORPUS	
<i>Thereza Cristina de Souza Lima</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822112</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA DO POEMA “TERRA DE PROMISSÃO”, DE EULÁLIO MOTTA	
<i>Pâmella Araujo da Silva Cintra</i>	
<i>Patrício Nunes Barreiros</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822113</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA DO POEMA CARNAVAL DE MUNDO NOVO, DE EULÁLIO MOTTA	
<i>Maria Rosane Vale Noronha Desidério</i>	
<i>Patrício Nunes Barreiros</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822114</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
EM BUSCA DE RESPOSTAS: DEUS EXISTE?	
<i>Ieda Tinoco Boechat</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
<i>Leila Maria Tinoco Boechat Ribeiro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822115</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>63</b>
EM CENA A LENDA AMAZÔNICA: A MATINTA PERERA	
<i>Rosalina Albuquerque Henrique</i>	
<i>Célia Suely Abreu Cota</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822116</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>73</b>
LITERATURA E MÚSICA NOS CONTOS “WUNDERKIND” E “MADAME ZILENSKY E O REI DA FINLÂNDIA” DE CARSON MCCOLLERS	
<i>Júlia Reyes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822117</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>87</b>
LUANDINO VIEIRA PELOS CAMINHOS DA PAISAGEM, DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA EM LUUANDA	
<i>Fabiana de Paula Lessa Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822118</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>100</b>
MEMÓRIA CULTURAL DOS ESCRITORES: AS ENGRENAGENS DE JOSÉ LINS DO REGO.	
<i>Evandro Figueiredo Candido</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951822119</b>	

<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>115</b>
ENTRE CULTURAS: A MISSÃO CIENTÍFICA AUSTRO-ALEMÃ DE 1817 AO BRASIL	
<i>Leonardo Ferreira Kaltner</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>130</b>
UM PASSEIO PELAS RUAS, CIDADES E VIDAS EM SULEIMAN CASSAMO	
<i>Fabiana de Paula Lessa Oliveira</i>	
<i>Fabiana Rodrigues de Souza Pedro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>140</b>
PROCEDIMENTO LITERÁRIO DE PAULINA CHIZIANE “VENTOS DO APOCALIPSE”	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Ana Maria de Carvalho Leite</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>148</b>
CARACTERÍSTICAS CENTRAIS DA NARRATIVA GÓGOLIANA E A MOTIVAÇÃO MORAL A PARTIR DE TCHITCHIKOV EM ALMAS MORTAS, DE NIKOLAI GÓGOL	
<i>Márlon Coí Rojas</i>	
<i>Evandro Barbosa</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221113</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>152</b>
A TRAVESSIA DA LETRA E DAS PERSONAGENS CLARICIANAS	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221114</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>167</b>
ANÁLISE DA PROPAGANDA ORAL À LUZ DOS ESTUDOS RETÓRICO-CONVERSACIONAIS	
<i>Maria Francisca Oliveira Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221115</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>180</b>
A INTERFACE SEMIOLINGUÍSTICA NAS CANÇÕES DE NANDO REIS NO ESTUDO DA LEITURA	
<i>Carmen Elena das Chagas</i>	
<i>Pânmeda Franco Bispo dos Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221116</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>191</b>
A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Fátima Stela Bezerra Viana Barbosa</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221117</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>199</b>
O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA NAS ENTRELINHAS DE PESQUISAS	
<i>Amós Coêlho da Silva</i>	
<i>Anne Marilyn Silva Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221118</b>	

<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>213</b>
ANÁLISE DAS REGRAS DE FÓRONS DE FANFICTIONS COMO ESTRATÉGIA NA ADEQUAÇÃO DA ESCRITA DOS JOVENS ÀS NORMAS ORTOGRÁFICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA	
<i>Elaine Santana de Souza</i>	
<i>Luciano Dias de Sousa</i>	
<i>Raquel Veggi Moreira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221119</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>225</b>
ANÁLISE DO DISCURSO DE UMA CAMPANHA DE SAÚDE FEMININA	
<i>Edelyne Nunes Diniz de Oliveira</i>	
<i>Lucineide Matos Lopes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221120</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>237</b>
ANÁLISE DO LOGOS ARISTOTÉLICO NO GÊNERO TEXTUAL DEBATE POLÍTICO TELEVISIONADO	
<i>Romildo Barros da Silva</i>	
<i>Maria Francisca Oliveira Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221121</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>254</b>
ANÁLISE SEMÂNTICA DO ROTEIRO DE TELENOVELA	
<i>Simone Dorneles Severo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221122</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>279</b>
AS CONTRIBUIÇÕES DO GÊNERO ANÚNCIO NO ESTÍMULO À LEITURA	
<i>Géssica Pereira Monteiro Rangel</i>	
<i>Eliana Crispim França Luquetti</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221123</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>290</b>
AS FORMAS PRONOMINAIS TU, VOCÊ E O(A) SENHOR(A) NO PORTUGUÊS FALADO EM CAMETÁ-PARÁ	
<i>Raquel Maria da Silva Costa</i>	
<i>Karina Pereira Castro</i>	
<i>Kéttelen Mayara Tavares Brito</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221124</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>304</b>
ATIVIDADES DE REFERENCIAÇÃO: O USO DE MARCADORES TEMPORAIS EM NARRATIVAS AFILIADAS AO LENDÁRIO AMAZÔNICO	
<i>Heliud Luis Maia Moura</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221125</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>318</b>
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM PERSPECTIVA: O QUE AS PESQUISAS (NÃO) TÊM A DIZER SOBRE A PERSONALIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM?	
<i>Joane Marieli Pereira Caetano</i>	
<i>Adriene Ferreira de Mello</i>	
<i>Dulce Helena Pontes-Ribeiro</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221126</b>	

<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>334</b>
ENSINO DE LIBRAS L2 NA PERSPECTIVA DISCURSIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Andréa dos Guimarães de Carvalho</i>	
<i>Gilmar Garcia Marcelino</i>	
<i>Kelly Francisca da Silva Brito</i>	
<i>Renata Rodrigues de Oliveira Garcia</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221127</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>341</b>
EVENTOS DISCURSIVOS CARREGADOS DE SENTIDOS: EFEITOS MONITORÁVEIS?	
<i>Ieda Tinoco Boechat</i>	
<i>Thiago Soares de Oliveira</i>	
<i>Sérgio Arruda de Moura</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221128</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>354</b>
GÊNEROS TEXTUAIS, TECNOLOGIA E ENSINO DE PORTUGUÊS PARA FALANTES DE OUTRAS LÍNGUAS.	
<i>Ângela Marina Bravin dos Santos</i>	
<i>Arthur Lima de Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221129</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>361</b>
O QUE DIZEM AS REDAÇÕES DO ENSINO FUNDAMENTAL I ? - UMA PESQUISA BASEADA EM CORPORA	
<i>Elaine Cristina Ferreira de Oliveira</i>	
<i>Adriane Orenha-Ottaiano</i>	
<i>Ravel João da Silva Gimenes</i>	
<i>Leandro Ferreira de Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221130</b>	
<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>370</b>
UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE OS DIÁLOGOS DIDÁTICO NOS LIVROS DE LÍNGUA INGLESA	
<i>Sonia Maria da Fonseca Souza</i>	
<i>Eliana Crispim França Luquetti</i>	
<i>Poliana da Silva Carvalho</i>	
<i>Vyvian França Souza Gomes Muniz</i>	
<i>Joane Marieli Pereira Caetano</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221131</b>	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>385</b>
ENTRE FATOS E HIPÓTESES: A LINGUAGEM EM ANÁLISE	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Leonardo Gomes de Souza</i>	
<i>Fernanda Soares Wenceslau</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89518221132</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>401</b>

## ANÁLISE DO LOGOS ARISTOTÉLICO NO GÊNERO TEXTUAL DEBATE POLÍTICO TELEVISIONADO

**Romildo Barros da Silva**

Universidade Federal de Alagoas  
Maceió – Alagoas

**Maria Francisca Oliveira Santos**

Universidade Federal de Alagoas  
Maceió - Alagoas

**RESUMO:** Este trabalho analisa as funções e características do logos por meio do gênero debate político. Com essa finalidade, observam-se as contribuições desse meio de persuadir para o propósito comunicativo do gênero debate. Esse estudo está situado na nova retórica, que é entendida como a arte de persuadir pelo discurso, como pontua Reboul (2004). Dessa forma, pretende-se analisar como o logos atua para que o debate político seja persuasivo. Nesse gênero textual há um confronto de ideias e defesa de opiniões particulares para um auditório social. Além disso, vê-se que um logos persuasivo possui clareza, brevidade e credibilidade. O logos é, portanto, o meio persuasivo-racional que tem propósitos bem definidos e possibilita a argumentação, já que está à disposição do ethos/pathos; apresenta informações verossímeis; possui continuidade e coerência; e suas conclusões podem ser contestadas e debatidas publicamente, de acordo com Perelman-Tyteca (2014). O referencial teórico elencado aqui traz, além dos

citados, os conceitos de Abreu (2009), Costa (2008), Bawarshi e Reiff (2013), Bakhtin (1997), Fiorin (2015), Marcuschi (2008) dentre outros. O debate político em análise foi selecionado aleatoriamente entre quatro debates do segundo turno das eleições presidenciais de 2014. A partir disso, fez-se interpretação dos fragmentos mais significativos que demonstraram aspectos do logos como: encadeamento de ideias/argumentos, suas qualidades, funções e objetivos persuasivos. Essa pesquisa mostra-se relevante uma vez que analisa o gênero debate político sob o ponto de vista retórico-textual e evidencia suas possíveis funções, dado que esse gênero tem uma diversidade de elementos persuasivos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Debate político. Logos. Retórica.

**ABSTRACT:** This paper analyzes the functions and characteristics of logos through the political debate genre. To this end, the contributions of this means of persuading the communicative purpose of the debate genre are observed. This study is situated in the new rhetoric, which is understood as the art of persuading by discourse, as Reboul (2004) points out. Thus, we intend to analyze how the logos acts so that the political debate is persuasive. In this genre there is a confrontation of ideas and defense of particular opinions for a social audience. In

addition, it is seen that persuasive logos have clarity, brevity and credibility. The logos is therefore the persuasive-rational medium that has well-defined purposes and enables the argumentation, since it is at the disposition of ethos / pathos; presents credible information; has continuity and coherence; and their conclusions can be challenged and debated publicly, according to Perelman-Tyteca (2014). The theoretical framework referred to here brings, besides those mentioned, the concepts of Abreu (2009), Costa (2008), Bawarshi and Reiff (2013), Bakhtin (1997), Fiorin (2015) and Marcuschi (2008) among others. The political debate under analysis was randomly selected between four debates in the second round of the 2014 presidential elections. From this, the most significant fragments that demonstrated aspects of the logos were presented as: chaining of ideas / arguments, their qualities, functions and persuasive goals. This research is relevant since it analyzes the genre political debate from a rhetorical-textual point of view and shows its possible functions, given that this genre has a diversity of persuasive elements.

**KEYWORDS:** Political debate. Logos. Rhetoric.

## 1 | INTRODUÇÃO

O logos para retórica diz respeito à organização da argumentação. Este trabalho apresenta análises desse meio de persuadir, evidenciando os argumentos utilizados pelos retores no debate político televisionado e as possíveis funções sociais do gênero debate, uma vez que os enunciadores (retores) visam a persuasão do seu público (auditório social/universal).

Este estudo traz contribuições para os estudos linguísticos e retóricos, uma vez que apresenta uma análise do gênero debate sob o viés das funções sociais e persuasivas evidenciadas na argumentação desse gênero. Para tanto, discute-se pressupostos e conceitos de Aristóteles (2005), Abreu (2009), Bawarshi e Reiff (2013), Bakhtin (1997), Costa (2009) Fiorin (2015), Marcuschi (2008), Reboul (2004) e Perelman-Tyteca (2014).

## 2 | GÊNERO DEBATE POLÍTICO: FUNCIONAMENTO E FINALIDADES

Os textos que circulam socialmente fazem funcionar a linguagem. O debate político, por sua vez, é entendido como uma discussão regrada (ou não) entre dois participantes que fazem ataques verbais durante a defesa de algum tema. Mas também, ele pode ser definido como um gênero textual/discursivo da esfera jornalística que apresenta enunciadores com ideologias e/ou opiniões contrastantes e visa a persuasão do seu público, isto é, do seu auditório social.

Esse público alvo imediato do debate político pode interferir positivamente na funcionalidade do gênero, uma vez que em determinadas organizações do debate

o auditório pode elaborar perguntas para os debatedores. Assim, reconhece-se que esses telespectadores podem exercer mais funções além de assistir passivamente as discussões sobre a política nacional.

O debate político é, também, um gênero textual que se apresenta em duas modalidades da língua: oral e escrita (transcrição do debate). Marcuschi (2010) acrescenta, ainda, que o debate pertence às comunicações públicas e se situa no eixo da fala. Além disso, ao reconhecer seu suporte textual, nota-se que os debates políticos televisionados ganham nova dinâmica, já que outros elementos significativos tais como expressões faciais, gestos, proximidade, aparência etc. são exibidos e contribuem para o fazer argumentativo do debatedor.

Por apresentar essas características flexíveis, “os debates políticos podem ter uma forma livre, e cada debatedor expressa o que pensa e o que acha sobre o tema, ou podem também ter regras (debate regado), com a presença de um moderador”. (COSTA, 2008, p. 76). Dessa forma, compreende-se que o debate é um gênero que é moldado de acordo com situação e o propósito comunicativo, seja em uma expressão espontânea de opiniões ou uma exposição regada de ideias sobre determinado tema. Assim, o debate político sofre influências da sua esfera discursiva, isto é, do jornalismo. Por isso, cada emissora pode adotar variados padrões jornalísticos, pois entram em jogo as estratégias de mídia para divulgar o que será apresentado. Desse modo, concebe-se o gênero debate político como gênero midiático, mas com inegável cunho opinativo.

De modo geral, a concepção de gênero textual, adotada aqui, está embasada nos pressupostos de Bronckart (1999), Marcuschi (2008) e Bakhtin (1973), que entendem os gêneros como formas textuais fruto da interação entre sujeitos sócio-historicamente situados e que usam a língua nas mais diversas práticas sociais. Essas atividades, por sua vez, podem se manifestar na modalidade oral e escrita da língua com características específicas, mas sempre em conformidade com o suporte e o domínio discursivo.

Assim, o debate mesmo sendo político pertence ao domínio jornalístico já que

cada esfera da atividade humana produz textos com algumas características comuns e, por isso, pertencem a um determinado domínio discursivo, isto é, o lugar onde os textos ocorrem/circulam (são produzidos e consumidos). Bakhtin (1994 apud COSTA, 2009, p. 20).

Em relação ao suporte do debate político, notam-se possíveis controversas quanto ao que a televisão poderia contribuir para o debate. Isso acontece justamente porque a TV é, ao mesmo tempo, meio de transmissão e suporte do debate. Além disso, com a emergência dos gêneros digitais, o debate é encontrado em outros suportes/meio como: sites (íntegra escrita/vídeo), *smartphones* e rádio. Logo, o debate político é inicialmente produzido na mídia televisiva, mas possui toda uma dinâmica no processo

de transmissão. Dessa forma, ao reconhecer o debate político como televisionado entende-se que esse suporte influencia na recepção do gênero, afinal imagem e som estão à disposição do telespectador (auditório social).

O gênero textual/discursivo debate político televisionado é, portanto, uma das formas de discussão oral construída por debatedores que enunciam suas ideologias e posicionamentos de modo argumentativo. Nessa perspectiva, o debate político visa a persuasão e está no agrupamento dos gêneros de argumentar, já que por meio dele se faz “discussão de problemas sociais controversos, e exige a sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição” (COSTA, 2009, p. 23).

Esse gênero, como descreve Costa (2009) ativa algumas capacidades humanas como as técnicas de retomadas do discurso; capacidade crítica e social, decorrentes da escuta e respeito pelo outro e a oportunidade de situar, formar opinião e tomar posição diante das questões em debate. Ademais, o debate político é compreendido como público regrado, uma vez que há a discussão de temas e a situação é organizada pelo moderador.

No âmbito textual, a compreensão do debate político ocorre por meio de elementos (co) referencias em uma rede coesa e coerente produzida pelos debatedores. Esses elementos podem ser marcados por itens lexicais, temas recorrentes, caracterizações de *ethos* e tipos de argumentos.

Além disso, como se trata de um gênero oral, o debate possui diversos elementos conversacionais tais como: pausas, entoações enfáticas, silêncios, repetições, alternância/assalto de turnos que contribuem positivamente para a persuasão, isto é, para a principal função desse gênero. É, então, no confronto de ideias, na instauração do contraditório que se processa a argumentação e, ao mesmo tempo, se almeja conquistar o auditório.

Ao considerar os pressupostos de Bakhtin (1997), reconhece-se que o debate político televisionado têm dois pontos de interesse. O primeiro diz respeito ao fato de ele pertencer a esfera política, umas das mais complexas, e, simultaneamente, ser produzido pelo jornalismo. Outro ponto marcante é exposto ao enquadrá-lo como gênero secundário, isto é, que evoluiu ou derivou de um gênero anterior (conversação espontânea). Desse modo, o debate político televisionado realmente aponta para os estudos dos gêneros orais, dado que mesmo sendo um gênero textual “novo”, ele ainda traz marcas dos debates antigos.

Esses debates políticos antigos não são, precisamente, os da antiguidade grega, com os grandes oradores. Essas observações aqui feitas se restringem apenas aos primeiros debates políticos transmitidos por televisão a partir de 1960. Isso indica que aconteceu algum tipo de mudança sócio-histórica no gênero, principalmente, em relação ao formato de apresentação.

De acordo com Bakhtin (1973/53), quando há uma nova finalidade e uma nova prática têm-se um novo gênero. Ao compreender isso, verifica-se que o debate político televisionado não é um gênero novo, à princípio, já que sua finalidade foi

preservada. O que se alterou com o tempo, pelo que se vê, foi sua prática em virtude de aperfeiçoamentos em seu formato, seu suporte e suas regras.

Nesse dilema, se evidencia a transformação do gênero debate. Marcuschi (2008) entende que os gêneros ditos emergentes são na verdade relativamente novos. O que ocorre, conforme o autor, são apropriações de formas novas de velhos gêneros. O debate político soma essa concepção, uma vez que ele é um exemplo de gênero textual com características dos debates antigos (antiguidade clássica) e também dos primeiros debates no suporte televisivo.

Assim, as mudanças que os gêneros sofrem são decorrentes do seu uso. Por isso, o debate político é modificado pela emissora em virtude de interesses midiáticos ou para torná-lo mais dinâmico e acessível. O debate, portanto, é mais uma das inúmeras formas textuais de interagir socialmente, mas é rica em elementos persuasivos já que seus produtores possuem intencionalidades e querem a todo novo enunciado persuadir o seu público.

No tópico seguinte, serão apresentadas as principais concepções retóricas, suas categorias de análise e uma breve síntese dos estudos retóricos de gêneros.

### 3 | NOVA RETÓRICA E OS ERG

Perelman-Tyteca são os precursores dos novos estudos retóricos. Com base em seu tratado a retórica recomeça a ganhar espaço nos meios científicos, pois se encontra imersa nos discursos que visam convencer/persuadir. Esse posicionamento inovado da retórica ainda está enraizado na retórica proposta por Aristóteles, uma vez que ele estabeleceu as bases para o estudo de cada parte persuasiva do discurso por meio da sistematização desse campo do saber.

O conceito de retórica mais recente frisa que ela trata dos recursos discursivos que levam a obter a adesão do auditório. É, dessa forma, “a técnica que utiliza a linguagem para persuadir e para convencer”, (PERELMAN-TYTECA, 2014, p. 8). Assim descrita, a retórica pode ser entendida como prática estruturada de argumentar que visa a convencer/persuadir ou aumentar a adesão do auditório sobre determinada tese.

Reboul (2004) faz um refinamento das proposições feitas por Perelman-Tyteca (1996) e compreende a retórica como “a arte de persuadir pelo discurso” (REBOUL, 2004, p. 227). Essa segunda conceituação resumida leva em conta o caráter artístico da retórica, bem explorado por Quintiliano e também o viés persuasivo de Aristóteles. Ao entender a retórica como arte se estabelece uma linha subjetiva de manifestação de sua prática, isto é, ela se efetiva quando não é percebida e a persuasão acontece de modo natural.

O terceiro ponto de vista sobre retórica sugere que ela “é a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com fim de persuadir”, (ARISTÓTELES, 2005,

p. 95). Com essa caracterização a retórica especifica seus estudos, ao estudar cada instância de argumentação, e volta-se para a inter-relação das funções hermenêutica e persuasiva, pois propõe estudar os meios discursivos/textuais/argumentativos que encaminham para a persuasão do auditório.

A mescla dessas pontuações norteia este trabalho, uma vez que todas elas se relacionam, seja no tratamento como técnica, arte ou capacidade para persuadir e convencer. Além disso, nos discursos retóricos algumas categorias como os meios de persuadir (*ethos*, *pathos* e *logos*) e os tipos de argumentos evidenciam a caráter essencial da retórica para a constituição da eficácia comunicativa do gênero em si. A retórica, portanto, está à serviço dos estudos textuais, principalmente, no que se refere aos estudos de gêneros textuais argumentativos. Propõe-se, desse modo, um estudo retórico do texto para que se evidenciem não só os aspectos organizacionais de um dado gênero, mas também um detalhamento das funções sociais dessas formas linguísticas em seu uso. Tudo isso, pode comprovar que a retórica garante o estudo do discurso persuasivo.

Os estudos retóricos de gêneros de acordo com a concepção de Carolyn Miller entendem os gêneros como ações sociais que são “indissociavelmente ligados à situação; enfatizam o destinatário, o contexto e a ocasião; e fazem a ligação entre textos e contextos” (BAWARSHI e REIFF, 2013, p. 79). Dessa forma, o debate político está imerso em uma situação comunicativa na qual se utiliza de elementos retórico/persuasivos para atingir seu propósito comunicativo.

O tópico subsequente aborda algumas categorias de análise no âmbito da retórica, com ênfase no *logos*.

#### 4 | LOGOS PERSUASIVO

Entre os três meios de persuadir descritos por Aristóteles (2005), *ethos*, *pathos* e *logos*, este último dispõe das evidências textuais/discursivas das tentativas de persuadir feitas pelo retor por meio dos argumentos encadeados. O *logos*, dessa forma, pode ser entendido como: a) um meio artístico de persuasão derivado “de argumentos verdadeiros ou prováveis (λόγος)” (ARISTÓTELES, 2005, p. 37); b) “a argumentação propriamente dita do discurso” (REBOUL, 2004, p. 49); c) “o terceiro tipo de prova, o raciocínio, [...] constituindo o elemento propriamente dialético da retórica.” (REBOUL, 2004, p. 36); e d) parte das “provas de persuasão fornecidas pelo discurso [...] e se baseia no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar.” (ARISTÓTELES, 2005, p. 96, grifo nosso).

O *logos* compreendido como meio artístico e capaz de evidenciar argumentos verdadeiros, sugere um trabalho criativo com a linguagem e, ao mesmo tempo, um empenho do retor para sistematizar seus argumentos, já que eles podem servir de prova, tornando seu discurso ainda mais persuasivo. Nessa primeira concepção,

Aristóteles (2005) sugere a inter-relação dos três meios de persuadir, o que define também os papéis que eles exercem para o funcionamento da argumentação.

As outras três concepções de logos apresentadas anteriormente se complementam, dado que na primeira o logos é tratado no âmbito geral da argumentação, na segunda nota-se o logos como prova racional que está envolta nas ações dialéticas da argumentação e a última definição indica que ele é uma prova de persuasão que visa demonstrar elementos do próprio discurso. Assim, essas pontuações sugerem que o logos se manifesta no discurso retórico e se constrói por meio de elementos racionais, mas se torna eficiente quando está relacionado com os outros meios de persuadir afetivos, isto é, *ethos* e *pathos*.

## 5 | FUNÇÕES E CARACTERÍSTICAS DO LOGOS PERSUASIVO

Como fora sugerido na seção anterior, o logos se constitui de elementos racionais presentes no discurso retórico, já que ele representa parte da argumentação propriamente dita. Aqui, postula-se que os tipos de argumentos faz essa instauração do logos.

Sabe-se, também, que o logos aristotélico possui características marcantes tais como: clareza, brevidade, credibilidade, continuidade, coerência e argumentos encadeados. A clareza do logos diz respeito à objetividade do discurso a ser proferido pelo retor/debatedor. Além disso, devem ser observados os termos utilizados, priorizando as retomadas para organizar o texto, segundo Reboul (2004). A brevidade se relaciona ao filtro de informações, ou seja, os fatos anteriores que não esclarecem assuntos em discussão podem ser descartados, afinal, a objetividade do discurso garante maior atenção do auditório. A credibilidade, por sua vez, se realiza quando as causas de um fato são evidenciadas, “mostrando que os atos se afinam com o caráter de seu autor” (REBOUL, 2004, p. 56).

Continuidade e coerência são categorias textuais que esquematizam e organizam os tópicos do discurso, servindo como condições primordiais para a unidade de sentido. A coerência, em particular, se localiza no plano global/ideias de um texto e resulta da não contradição de sentidos. A articulação entre argumentos é a marca do logos, uma vez que é de acordo com a disposição dos argumentos realizada pelo debatedor (*ethos*) que se pode reconhecer sua força persuasiva, isto é, é no uso dos argumentos que precedem e sucedem que um dado argumento pode ser mais eficaz que outro para determinado tipo de público (*pathos*).

Disso tudo, nota-se que quem participa da argumentação (retores) precisa

cuidar para que tudo o que se inventa seja possível e não seja incompatível nem com a pessoa, nem com o lugar, nem com o tempo; vincular, se cabível, a ficção a algo de verdadeiro; evitar cautelosamente qualquer contradição (...) e não forjar nada que possa ser refutado [...]. (REBOUL, 2004, p. 56).

Desse modo, torna-se evidente que essas características funcionais do *logos* se estabelecem com o envolvimento dos dois outros meios de persuadir (*ethos* e *pathos*). Por isso, no âmbito persuasivo, a tríade aristotélica está sempre inter-relacionada, porém cada um desses meios possui especificidades e contribuem para a argumentação. O *logos*, portanto, é interdependente do *ethos* e *pathos*, mostra a organização textual e/ou argumentativa e é racional e dialógico.

### 5.1 Tipos de argumentos: instauração do *logos*

Com o tratado de argumentação de autoria de Perelman-Tyteca (2014) os argumentos foram tipificados e estudados conforme o propósito do discurso, isto é, convencer/persuadir um auditório. Esses autores classificaram os argumentos em quatro grandes tipos: quase lógicos, fundados na estrutura do real, fundamentam a estrutura do real e os que dissociam noções. No apêndice B estão detalhados os subtipos de argumentos e suas respectivas funções.

A argumentação do gênero debate político televisionado é entendida como uma “tomada de posição contra outra posição” (FIORIN, 2015, p. 29), o que salienta a instauração do contraditório durante a discussão de temas diversos. Assim, constata-se que é por meio dos argumentos que o *logos* se faz presente do debate político, já que serão expostas razões de maneira encadeada. Isso faz com que o debate seja uma situação comunicativa em que os participantes mostram suas intencionalidades e formulam argumentos em virtude do seu público.

Os tipos de argumentos são, portanto, configurações do *logos*, ou seja, eles se manifestam no *logos*, mas são concebidos de acordo com o objetivo/caráter do *ethos* e suas expectativas quanto ao *pathos*.

## 6 | MÉTODOS DO ESTUDO

Objetiva-se com esse estudo analisar as funções e características persuasivas do *logos* no debate político televisionado. Para tanto, fez-se uma seleção aleatória de quatro amostragens que evidenciem a atuação e organização dos argumentos disponíveis no debate. A partir da identificação desses argumentos realizou-se a interpretação dos dados, indicando suas possíveis funções sociais, pois a argumentação é um processo dialógico e, por isso mesmo, é criada com viés social, seja para intervenção, aceitação de ideias, reflexão de pontos de vista ou persuadir o outro.

A presente pesquisa é de forma qualitativa e pretende tratar os dados em processo, sem evidenciar dados quantitativos, com base em Cajueiro (2013) e Flick (2009). O universo da pesquisa é constituído por nove debates políticos, sendo que se enfatizaram os quatro últimos debates de segundo turno das eleições presidenciais de 2014, uma vez que as argumentações são produzidas em número restrito, dois debatedores e o mediador.

A análise foi antecedida de algumas etapas fundamentais como a seleção aleatória de fragmentos; a transcrição do debate selecionado, seguindo os critérios de transcrição do texto oral (APÊNDICE B) e a interpretação das amostragens, com foco na organização dos argumentos e nas qualidades do logos.

## 6.1 Regras do debate político televisionado (amostra 9)

As regras são convencionadas pela emissora que transmite o debate. No debate em estudo (amostra 9 –2T) notaram-se os seguintes procedimentos: a) divisão em quatro blocos; b) no primeiro e terceiro blocos ocorreram seis perguntas entre os debatedores (três em cada bloco); c) no segundo e quarto blocos foram feitas oito perguntas dos eleitores para os debatedores (quatro em cada bloco); d) as perguntas deveriam durar somente trinta segundos; e) as repostas um minuto e trinta segundos; e f) as réplicas e tréplicas duraram cinquenta segundos.

### Amostragem 1

B – candidata... essa campanha vai passar pra história como a mais sórdida das campanhas eleitorais... do nosso sistema democrático... a calúnia... a infâmia... as acusações irresponsáveis foram feitas não apenas em relação a mim... em relação à E. C. depois em relação à M... agora em relação... a mim... isso é um péssimo exemplo... mas eu lhe faço uma pergunta candidata... a revista hoje... publica... que o delator -- um dos delatores do:: petrolão... disse que a senhora... e o ex-presidente L... TINHAM conhecimento da corrupção na Petrobrás... dou oportunidade à senhora... responder aos brasileiros... a senhora sabia candidata... da corrupção na Petrobras? (00:04:19 - 00:04:56. BLOCO1, PERG.1)

A primeira observação dessa amostragem no fragmento “a mais sórdida das campanhas eleitorais... do nosso sistema democrático... a calúnia... a infâmia... as acusações irresponsáveis” aponta para as características da campanha como sendo pertencentes ao *ethos* do retor A, fazendo um ataque inicial à imagem do retor adversário. Isso é salientado no outro fragmento final “a senhora sabia candidata... da corrupção” para indicar uma atitude corruptível do outro debatedor (retor A).

Nessa amostragem nota-se, também, o *argumento de autoridade* ao embasar sua argumentação “a revista hoje... publica”, o que visa conferir *credibilidade* ao seu logos. Ademais, todo seu enunciado é repleto de pausas que podem ser utilizadas tanto para reflexão/construção do raciocínio quanto para exibir *clareza* em sua argumentação. Observa-se, ainda, no desenvolvimento de sua pergunta, que o retor B faz uso do *antimodelo* em “as acusações irresponsáveis foram feitas não apenas em relação a mim... em relação à E. C. depois em relação à M... agora em relação... a mim... isso é um péssimo exemplo...”, sugerindo que a candidata adversária não deve ser digna de imitação.

## Amostragem 2

A – candidato... é... fato que o senhor:: tem feito uma campanha extremamente agressiva a mim... e isso... é reconhecido... por todos os eleitores... agora essa revista... que fez... e faz... sistemática oposição a mim... faz uma calúnia e uma difamação... do porte que ela fez hoje e o senhor enDOssa a pergunta... candidato... a revista veja... não apresenta nenhuma prova do que faz... eu... manifesto aqui a minha indignação... porque essa revista tem o hábito de nos finais das campanhas... na reta final... tentar dar um golpe eleitoral... e isso... não é a primeira vez que ela fez... fez em dois mil e dois... fez em dois mil e seis... fez em dois mil e dez... e agora faz em dois mil e catorze ... o povo não é bobo candidato... o povo sabe... que:: está sendo manipulada essa informação... porque não foi apresentada::da nenhuma prova.../.../ (00:04:56 - 00:06:0. BLOCO1. RESP. A PERG.1)

Na amostragem dois há, inicialmente, o argumento *ad hominem* em “essa revista... que fez... e faz... sistemática oposição a mim... faz uma calúnia e uma difamação...”. Esse recurso persuasivo pretende invalidar a autoridade do argumento anterior do retor B, já que a revista citada faz oposição, indicando assim que não há parcialidade nesse suporte comunicativo.

Nesse recorte há também o *argumento pragmático*, pois em “a revista veja... não apresenta nenhuma prova do que faz.../.../ tem o hábito de/.../ tentar dar um golpe eleitoral... e isso... não é a primeira vez que ela fez... fez em dois mil e dois... fez em dois mil e seis... fez em dois mil e dez... e agora faz em dois mil e catorze .../.../... o povo sabe... que:: está sendo manipulada essa informação...” percebe-se a sucessão de fatos cronológicos que indicam uma consequência desfavorável (golpe eleitoral) e, ao mesmo tempo, demonstra a possível manipulação de informações.

Essa amostragem traz inclusive elementos que estão voltados para a confiança do público (*pathos*) “o povo não é bobo/.../ o povo sabe” e também marca a *continuidade*, uma vez que há retomadas e esse enunciado faz parte da sequência pergunta e resposta.

## Amostragem 3

B – /.../o Brasil é hoje um cemitério de obras abandonadas... inacabadas... e com sobrepreços... e FORtes denúncias de desvios... por toda a parte... e fracassou na melhoria dos nossos indicadores sociais... lamentavelmente candidata... esse é o retrato do Brasil real ... não é... o retrato do Brasil da propaganda... do seu marqueteiro... /.../ (00:09:47 - 00:10:05. RESP. A PERG. 2)

Na terceira amostra há a presença do *argumento de incompatibilidade*, principalmente, nas linhas finais em que mostra a *retorsão* do argumento do retor A

em “... esse é o retrato do Brasil real ... não é... o retrato do Brasil da propaganda... do seu marqueteiro...”, fazendo com que a proposição sobre aumento real de emprego, citada pelo retor A em pergunta anterior, seja um fato infundado.

#### Amostragem 4

B – E8... você tem duas formas de ver a questão do emprego ... você olha uma fotografia de um determinado momento... analisa essa fotografia... ou olha o filme... o caminho que nos espera se não houver uma mudança radical na condução da nossa política... econômica... /.../ (01:31:44 – 01:32:00. RESP. A PERG. E8)

Na última amostragem, vê-se o argumento *ad ignorantiam*, pois se expõe uma dualidade para que outras possibilidades de perceber a questão sejam descartadas. Essas “duas formas de ver a questão do emprego” são bem definidas. A primeira, “fotografia”, faz referência ao passado e a um fato antigo. Contudo, a segunda opção, “filme”, volta-se para ação, no presente, sugerindo atitude de mudança. Além desse argumento, nota-se novamente a *continuidade* do logos, uma vez que termos como fotografia, economia, são mencionados desde o início do debate, surgindo assim uma amarração no texto que proporciona uma relação de coerência com os temas e termos do debate político em análise.

## 7 | RESULTADOS E CONCLUSÃO

Este estudo verificou que o logos está sempre a serviço da persuasão e, para isso, organiza a textualidade e os argumentos do debate político televisionado.

Por meio dessa análise do logos percebeu-se: ataques ao ethos; argumentos quase lógicos (incompatibilidade, retorsão e *ad ignorantiam*), fundados na estrutura do real (autoridade, pragmático e *ad hominem*) e que fundam a estrutura do real (antimodelo); e elementos textual-conversacionais (continuidade e pausas).

Portanto, compreende-se que todos esses elementos percebidos no logos são utilizados para persuadir que, por sua vez, é uma das finalidades do gênero debate. Além disso, suas qualidades como clareza e credibilidade servem para sustentar a opinião dos debatedores e tornar ainda mais persuasiva a sua argumentação. Assim, o gênero debate político televisionado apresenta encadeamento argumentativo e elementos persuasivos. Tudo isso, é formulado pelos retores em virtude do público (auditório social).

## REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. São Paulo: Ateliê, 2009.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: INCM, 2005.

BAWARSHI, Anis S.; REIFF, Mary Jo. **Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino**. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2013.

CAJUEIRO, Roberta Liana. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos**. Petrópolis: Vozes, 2013.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário dos gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. **Da fala para escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PERELMAN, Chaïn, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado de argumentação: a nova retórica**. Trad. Maria Ermantina A. P. Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

REBOUL, Oliver. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TIPO DE ARGUMENTO	CONCEITO/FUNÇÃO SOCIAL
<b>QUASE LÓGICOS</b>	Apresenta ser um princípio lógico (identidade/transitividade) e não faz apelo à experiência.
Incompatibilidade (retorsão)	Retomar o argumento do outro, mostrando que ele está contra a sua própria argumentação.  Mostrar a contradição do outro e a falta de nexo entre as ideias apresentadas.
Autofagia	Mostrar que o enunciado do outro se destrói por si mesmo.
Ridículo	Ressaltar incompatibilidades.  Exagerar situações/argumentações.  É característico da argumentação e há a presença de ironia.
Regra de justiça	Baseada no princípio da identidade (A é A);  Admite uma realidade lógica/justa.  Tratar da mesma maneira seres da mesma categoria.
Divisão	Dividir o todo em partes, prová-las e concluir que possuem a mesma propriedade.  Dividir o todo, provar as partes e fazer uma generalização.
Dilema	Faz parte do argumento da divisão;  Duas alternativas levam à mesma consequência.
<i>Ad ignorantiam</i>	Todos os casos são ignorados, exceto um, que é a tese por provar (falta de opção);  Causar dúvida.
Definição (normativa – convenção de uma palavra; descritiva – sentido corrente, em uso; condensada – características essenciais; oratória – imperfeita, a definição e o definido não são permutáveis)	Figura de presença (analepse e hipotipose); reforçar o acordo prévio;  Visa estabelecer uma identidade entre o que é definido e o que define (identificação);  Pode apenas expressar o ponto de vista sobre uma questão;  Impõe determinado sentido em detrimento de outros.

<p><b>FUNDADOS NA ESTRUTURA DO REAL</b></p>	<p>Não se apoiam na lógica;</p> <p>Se apoiam na experiência, nos elos entre as coisas.</p> <p>Argumentar é explicar;</p> <p>Mostra sucessão de fatos, inferindo nexos causais;</p> <p>Não é demonstração científica.</p> <p>Quer estabelecer/mostrar um juízo de valor; (causa/inverso)</p>
<p>Pragmático</p>	<p>Analisar um ato/acontecimento em relação com as suas consequências (favoráveis ou não);</p> <p>Presume confiança (verossímil);</p> <p>Mostra relação de sucessão de acontecimentos.</p>
<p>Desperdício</p>	<p>O valor de uma coisa depende do fim cujo meio é ela;</p> <p>Evidenciar que os esforços não podem ser desperdiçados;</p> <p>Propõe uma ideia de causa e consequência;</p>
<p>Finalidade</p>	<p>Finalidade não aceita pela ciência;</p> <p>O valor de uma coisa depende do fim;</p> <p>Exprime o para quê;</p>
<p>Direção</p>	<p>Negar uma coisa, pois ela seria um meio para um fim que não se deseja.</p> <p>O meio é o foco principal;</p> <p>Essa coisa pode ser inofensiva.</p> <p>Admite-se que se ceder dessa vez deve-se perder o controle da situação.</p> <p>É denominado também como argumento da reação em cadeia/ perda do controle.</p> <p>A epítrope é um argumento de direção levado ao extremo.</p>
<p>Superação</p>	<p>A finalidade tem papel motor;</p> <p>Parte da insatisfação com algum valor;</p> <p>Ninguém é justo, bom ou desinteressado demais, sempre há alguém que o supera.</p> <p>A hipérbole condensa esse argumento e o de direção.</p>

Essência	<p>Argumento extraído da relação de coexistência entre coisas;</p> <p>Explicar um fato ou prevê-lo a partir da manifestação da essência cuja manifestação é ele;</p> <p>Mostra a relação do atributo com a essência ou dos atos com a pessoa.</p> <p>Mostra que algo é típico daquela pessoa e que ela pode repetir tal feito.</p>
Pessoa	<p>Baseia-se no nexos entre a pessoa e seus atos;</p> <p>Presume-se os atos da pessoa, indicando que é típico dela.</p> <p>Pode ser feito pré-julgamentos;</p> <p>Baseia-se no argumento de autoridade e no <i>ad hominem</i>.</p>
Autoridade	<p>Justificar uma afirmação baseando-se no valor do seu autor;</p> <p>Pode ser desacreditado, pois todo argumento pode ser dogmático;</p> <p>É uma técnica que pode se indispensável, conforme seu uso.</p>
<i>Ad hominem</i> (apodioxe)	<p>Argumento de autoridade invertido;</p> <p>Serve pra invalidar um argumento de autoridade.</p> <p>Visa refutar uma proposição recorrendo a uma personalidade odiosa.</p>
Nexos simbólicos	<p>É uma estrutura do real fundamentada na pertinência, de ordem social e cultural;</p> <p>Ligam-se ao <i>pathos</i>;</p> <p>Utilizar os símbolos de acordo com o meio;</p>
Dupla hierarquia	<p>Argumento complexo e eficaz;</p> <p>Estabelece uma escala de valores entre termos, fazendo vínculos a valores já aceitos.</p> <p>A primeira hierarquia valoriza o termo da segunda e assim sucessivamente.</p> <p>Só tem efeito se o auditório aceitar a primeira hierarquia.</p>
<i>A fortiori</i>	<p>Baseia-se na dupla hierarquia, sendo o valor/argumento com maior razão.</p>

<b>FUNDAMENTAM A ESTRUTURA DO REAL</b>	Argumentos empíricos; Se apoiam no real; Criam/completam a estrutura do real; Faz surgir nexos, não percebidos, entre as coisas.
Exemplo	Ir do fato a regra; Reforça a regra (por ser diferente dos demais exemplos ou independente deles)
Modelo	É um exemplo dado como digno de imitação; Argumento que serve como norma e determina o desvio.
Antimodelo	Argumento emotivo e determina o que não se deve imitar.
Comparação	Justifica um dos termos a partir do outro; Instaura a relação de dois termos (maior, mais forte, mais bonito); Deve-se comparar realidade do mesmo gênero; A ordem da comparação muda o valor dos termos.
Sacrifício	É um tipo de comparação; Estabelece o valor de uma coisa/causa pelos sacrifícios que são ou serão feitos por ela.
Analogia	Permite encontrar/provar por meios de uma semelhança de relações; É uma semelhança entre relações heterogêneas; Ela é redutora, pois omite/exclui termos.
<b>DISSOCIAÇÃO DAS NOÇÕES</b>	Dissociar noções em pares hierarquizados; Surgem duas realidades (aparente/verdadeira); Objetiva dirimir incompatibilidades; Elas são convincentes e duráveis
Aparência/realidade; Meio/fim; Letra/espírito; Consequência/princípio; Ato/pessoa; Acidente/essência; Ocasão/causa; Relativo/absoluto; Subjetivo/objetivo; Múltiplo/uno; Normal/normativo; Individual/universal; Particular/geral; Teoria/prática Linguagem/pensamento; artifício/sinceridade.	Aparência/realidade Confiança/desconfiança

FONTE: Arquivo do autor, adaptado de Perelman-Tyteca (1996) e Reboul (2004, p. 168-194)

APÊNDICE B – Critérios de transcrição

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Qualquer pausa (, . : ;)	...
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )
Dúvidas ou suposições do que se ouviu.	(hipótese)
Truncamento (junção de duas palavras ou interrupção brusca pelo interlocutor)	/
Entonação enfática	<b>MAIÚSCULA</b>
Silabação	-
Comentários do transcritor	((minúscula))
Interrogação	?
Quebra da sequência temática.	-- --
Simultaneidade de fala (no início do turno)	<b>Ligando</b> [[ as linhas
Sobreposições (durante o turno exceto no início)	<b>Ligando</b> [ as linhas
Interrupção da fala em determinado ponto (exceto no início)	(...)
Citações	“ ”
Indicação de transcrição parcial ou de eliminação	/.../
Repetições	<b>(duplica-se a parte repetida)</b>
Alongamento de vogal ou consoante	::
Pausa preenchida	ah, eh, oh, ih, ahã, anh, ehn, uhn
Iniciais maiúsculas	Para nomes próprios ou siglas

FONTE: Grupo Linguagem e Retórica, adaptado de Marcuschi (2003), Preti (2000) e projeto NURC.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-85107-89-5

